

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 27 - FEVEREIRO 2023



Alimentando-se do caos

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. 2 N.º 26

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

O conteúdo do Caderno ABRAJUC é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

Fonte das imagens
utilizadas na capa:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1657452954328277-pesquisa-da-unifesp-traca-perfil-de-usuarios-e-ate-arrecadacao-financeira-na-cracolancia>

e

<https://www.peritoanimal.com.br/urubu-come-carne-humana-23963.html>

Produção e Designer

Edson Araujo
Munique Costa
Leandro Costa

Redação

Edson Araujo
Pedro Costa
Munique Costa
Leandro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Maria Cecília Carnaúba
Mauricio Motta
Neto Curvina
Pedro Costa

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania
Vol. II - Nº 27 - Fevereiro de 2023
Rio de Janeiro - RJ

Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

MARIA CECÍLIA CARNAÚBA

Doutoranda em Ciências Jurídico/Políticas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

PEDRO COSTA

Estudante de Direito e editor auxiliar na Revista Conhecimento & Cidadania.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

Alimentando-se do caos



Na mitologia grega, Caos é o deus primordial, a desordem cósmica que precedera toda a criação, dele se originara toda a matéria, sendo assim, é a essência disfórmica que alimenta toda a existência. Seu antagonístico filho, [Eros \(na concepção de Hesíodo\)](#), é a ordem, equilibrando-se ao passo que se opõe ao seu criador, Eros perite que o universo seja algo além de uma massa inalcançável, de tal forma que, pode-se dizer que, na mitologia grega, a contraposição entre Caos e Eros fazem da existência mais que a simples energia, dando forma a tudo. Caos tem origem na palavra vazio, deixando evidente que sem a ordem, nada poderia de farto existir, pois, antes de tudo, existia o caos.

Por outro lado, temos na mitologia egíptica, o conflito entre ordem e caos representado, respectivamente, pelas figuras divinas de Maat e Isfet (Asfet), entretanto, ambas as figuras míticas apresentam-se de forma mais ampla, assumindo que a primeira delas também abarca ideias como justiça, bondade, harmonia, equilíbrio, moralidade e verdade, recaindo a Isfet os adjetivos que são diretamente opostos aos citados.

Na mitologia egíptica o conceito de oposição e equilíbrio de forças é mantido, todavia, o imaginário de que as forças se somam para resultar algo grandioso, como a relação entre pai e filho no mito grego, em que Caos e Eros são opostos que se somam, tendo como resultado a criação do universo, é substituída por uma batalha entre o bem e mal, mantendo o equilíbrio de forças para que tudo exista, sem, contudo, serem uma associação divina.

Leandro Costa & Pedro Costa

Pode-se supor que, para os gregos, a relação entre ordem e caos se apresenta de forma que a primeira, alimentando da energia disforme produzida pela segunda, acaba por criar a existência, colocando em matéria aquilo que antes era intangível, ou inimaginável. Como uma nascente que dá forma a um rio, dele surgindo toda a vida ao seu redor.

Por outro lado, na visão dos egípcios, a ordem e o caos vivem em um constante embate, do qual, cada choque resulta na existência, com se cada vez que as forças do bem e do mal se tocassem, o resultado fosse a liberação de energia e criação, assim como a luz que se origina da reação entre negativo e positivo em uma lâmpada incandescente. Claro que, na mitologia do Eito antigo, a criação não deriva da interação entre a ordem e o caos, o que se busca ilustrar é como as forças se relacionam de formas diferentes, seja complementando-se em uma criação sublime ou em um conflito, a oposição inequívoca entre ambos inspira o homem desde tempos longínquos.

Não obstante, precisamos nos ater ao conceito de caos contemporâneo, que tem sim a ideia de força em desordem, mas conserva as características de Isfet, assumindo especialmente adjetivos como injustiça, violência e, principalmente, o mal. Quando se utiliza o termo caos, ou caótico, nos tempos atuais, a imagem que se pressupõe é a de degradação, de destruição, significados que não estão distantes daqueles das mitologias, posto que, sua essência é conservada, entretanto, é a imagem vulgar que se pretende trazer a mente do leitor.

A visão que temos de um mundo caótico é simplesmente a de um cenário degradado, sendo assim, presume-se que o mal reine em tal situação, o que é inquietante, haja vista que, a desordem nos leva diretamente a imaginar que a maldade impere. Por mais que pareça infantil imaginar que a destruição seja consequência do mal, tal associação não pode ser tratada como mera coincidência.



Leandro Costa & Pedro Costa

Se, de um lado, o império da maldade resulta em degradação, cabe investigar se o oposto também ocorre, e, qual seria a correlação direta entre os adjetivos nefastos que recaem sobre Isfet, ou seja, a ligação entre maldade, injustiça, desordem, violência e diversas faces abjetas de um mundo destruído. Não por acaso, a confusão é um terreno fértil para que desígnios pútridos sejam inseridos na sociedade, bem como, a perda de valores resultam em um universo corroído, adubando o solo de tal terreno.

No que diz respeito a degradação uma sociedade, tal destruição pode ser vista como a oportunidade para a realocação de indivíduos na relação de poder, e todas outras, no âmbito daquele grupo, logo, fazer com que uma sociedade se destrua para dela surgirem outras possibilidades é justamente o anseio do revolucionário, podemos observar em civilizações antigas, como os romanos, que deram origem a diversos reinos que outrora ocuparam a Europa, alguns que até hoje existem, permitira que as relações de poder sejam alternadas em razão da quebra de um sistema.

Por outro lado, na visão revolucionaria todo o fracasso é relativo, pois acredita-se poder substituir a ordem natural pela visão do agente, é como dizer que um revolucionário tenta substituir a figura de Eros na relação com seu pai por sua vontade, ou seja, que ele seria capaz de domar a essência caótica para nela criar a ordem a seu bel-prazer, esquecendo que a existência é resultado da ação da ordem e do caos, ou seja, que tudo aquilo que ele consegue sequer imaginar é fruto de uma visão com ordem, de uma visão que já possui o conceito no qual tanto a ordem quanto o caos já se fizeram presentes n sua criação.

O que quer o revolucionário, na verdade, é o poder, assumindo que pode ser uma espécie de divindade menor, ou mesmo, o maior criador. Na sua luta doentia pelo poder, ele é capaz de exterminar, ludibriar, praticar qualquer ato nefasto que o alce ao topo da hierarquia que vislumbra, ainda que regional.

O que importa ao nefasto ser amante da revolução é subtrair o poder de quem quer que seja, ainda que daquele que o alcançara de forma ilegítima, o que explica os movimentos se autodestruírem, como aquela máxima, de uma certa ideologia na Europa do século passado, que se colocava como anticomunista, ou contrário ao socialismo, mas tinha-o em seu nome. Alguns alegam que era uma ilusão como um apelido, mas, na verdade, é natural que socialistas destruam socialistas, basta ver a situação envolvendo Trotsky e Stalin, para constatar que, quando o poder está em jogo, o socialista é capaz de qualquer coisa, para ele, não há como medir esse limite.

Logo, é interessante buscar associar o pensamento revolucionário com o caos, como dito, todo revolucionário acredita que ode moldar a realidade ao seu bel-prazer, ora mudando a linguagem, ora impondo leis e decisões absurdas, de forma coercitiva, e dessa forma, esse tipo de agente busca moldar a realidade à sua visão, acreditando possuir uma forma capaz de guiar a humanidade, isso se o leitor quiser assumir que há uma postura inocente neste tipo de ideologia, pois, basicamente, ou digamos, mais

Leandro Costa & Pedro Costa

friamente analisando, o que o revolucionário quer é apenas o poder e qualquer dessas promessas de salvação não são nada além de mentiras.

Construir uma sociedade à sua maneira, numa situação caótica, uma vez que aquela energia disforme pode ser moldada conforme a vontade do revolucionário, como eles acreditam, apresenta um grande risco, que, em verdade, é quase uma certeza, posto que, as forças disfórmicas não serão controladas por quem quer que seja. As forças da ordem, assim como a do caos, deve ser entendida como uma premissa básica, para exemplificar, basta observar que as tentativas de corromper determinada sociedade acabam resultando em conflitos, pois as lideranças de pequenos grupos, aos se enxergarem como grandiosas, acabam desafiando as que lhe alimentaram. Como dizer que um determinado grupo minoritário acaba ganhando tantos privilégios que desafia o próprio sistema em si, pois se sente confortável em colocar-se acima deste sistema.

Um bom exemplo é o que aconteceu no leste europeu quando globalistas incentivaram que um país se afastasse do bloco eurasiático para se associar aos seu grupo, colocando um fantoche na condição de Chefe de Estado, mas isso por inúmeros fatores diretos e indiretos [naquele cenário](#), gerou uma guerra na qual este fantoche globalista deveria, no imaginário dos líderes progressistas, servir como uma espécie de amortecedor, na famosa guerra de proximidade, desgastando assim um grande nome do bloco eurasiático sem desgastar o lado de quem o colocou no poder em seu país, contudo, ao enfrentar um suposto gigante militar, esse que foi colocado no poder com o único fim de degradar a imagem de seu próprio país acabou se vendo como um grande líder criando a falsa impressão de que era realmente um herói daquele país.

Fazendo com que ele, por vezes, incomodasse os grandes globalistas, basta ver que alguns dos grandes “players”, hoje cogitam ouvir o lado contrário, porque o caos acaba por se voltar contra aquele que o criou. Porque é de grande arrogância acreditar que se é capaz de controlar uma força inimaginável, intangível, disfórmica, violenta e inconsequente.

Na América Latina, o [narcossocialismo](#), constantemente incentivado e aplaudido pelos revolucionários do campo político e social, não se curva à vontade da elite socialista local, tanto que, constantemente desafia a autoridade, ainda que seja de uma liderança progressista, na prática, narcossocialistas não tem o pudor se recusam a dobrarem-se diante de qualquer autoridade que não a deles, e isso resulta, de forma inequívoca, numa força que não se submeterá ao controle das elites revolucionárias, o narcossocialista pode até se aproximar, mas nunca se curvará, pois experimenta o poder ainda que dentro da região que controla.



Os agentes do caos, como um todo, seja narcotraficante, miliciano, outros tantos criminosos, ou mesmo, as lideranças de [minorias estéricas](#), cada vez mais bestializadas e agressivas, acabam por se transformarem em uma força fora de controle tentando cada um deles estabelecer a ordem de sua maneira, tanto essas minorias bestializadas, quanto influenciadores vazios acabam por acreditar terem mais poder do que de fato detém, vendo-se como líderes que emergiram por méritos, quando em verdade, foram produzidos para encantar os tolos, como [Flautista de Hamelin](#) fizera com as crianças, cuja missão é guiar a sociedade, que o seguirá encantada para o abismo.

Tais indivíduos, ou mesmo instituições, acabam por se considerar a própria elite dentro de sua própria ilha e ali acreditam ser a ordem que irá moldar toda a energia caótica, por isso, permitem que, cada vez mais, a degradação cultural expanda-se, pois, havendo um ambiente destruído, acreditam serem capazes de construir qualquer coisa que lhes for apropriada, em resumo, como são incapazes de reformar um prédio ou conservá-lo, sempre que erram derrubam toda a construção e os refazem, assim se eximem das responsabilidades. Seus erros são negados pela simples reedição das afirmações, em tese, alteram aquilo que disseram e fizeram, para não se responsabilizarem por seus posicionamentos.

Quando o resultado de suas ações, ou decisões, é prejudicial, simplesmente, lavam as mãos e transferem as responsabilidades para terceiros ou simplesmente dão outra interpretação àquilo que fizeram. Resumidamente, podemos citar os socialistas, que sempre alegarão que o socialismo não foi implementado, falhas pontuais e que a sua ideologia só funcionará após ser aplicado em todo o mundo, deixando claro que estão dispostos a massacrar qualquer bolha fora do socialismo, ainda que seja somente para testar se a sua loucura utópica funcionara. Se erram, e sempre erram, transferem a culpa, por isso

Leandro Costa & Pedro Costa

mesmo, já disseram que a ditadura narcossocialista venezuelana era algo de direita, simplesmente tentando transferir, assim como foi o caso do nacional-socialismo.

Temos que concordar que o relativismo moral e o ressignificado é o meio do revolucionário é poder errar inconstáveis vezes, pois, sempre transferirá para terceiros, não importa o quanto mergulhem o mundo no caos, tentando construir a sua utopia, alegando que o fracasso e a destruição são frutos de um fator externo ou da má interpretação. Nesse caso, o caos seria uma forma de desorganizar a sociedade para impor a sua ordem, ou seja, a sua construção mental, ideológica, que, caso fracasse, o que sempre acontece, será negado como uma experiência legítima, ou seja, será atribuído algum fator estranho para simplesmente obscurecer o fracasso e a desgraça por ele trazida, tentando sempre transferir a terceiro a responsabilidade por um desvio de rota daquilo que fora planejado.

Claro que numa ideologia que promete um futuro perfeito, não exporá suas falhas, e, é evidente que sempre falhará, pois acredita que é capaz de moldar a realidade, por isso vemos, cada vez mais decisões judiciais esdrúxulas, nas quais, operadores do Direito tentam moldar a realidade ao seu bel-prazer, o que também ocorre com a linguística, um bom exemplo é linguagem neutra, uma tentativa artificial de impor a ideologia de gênero.

Quando alguém questiona o motivo de um grupo, ou indivíduo, se alimentar deste caos, faz-se necessário refletir e constatar que lideranças de minoria estéricas, déspotas no poder ou avido por ele, querem justamente um cenário caótico para se apresentarem como salvação, influenciadores e artistas sem nenhum talento precisam de uma sociedade cada vez menos criteriosa para serem alçados aos postos de celebridades, infantilizando a mente de seus seguidores, por terem em seu rebanho, pessoas desprovidas do mínimo de valores morais e de informações gerais. Acabam alimentando-se do caos para manter o seu status, alguém que sabe ser medíocre prefere um mundo onde todos estão abaixo desta linha para que ele se destaque, cercando-se de pessoas desprovidas do mínimo.

Aquele que tem pouquíssimo a oferecer acaba por ser um estandarte a ser seguido, em uma sociedade inculta. Não se veria valor em pessoas que chamam a atenção se valendo de subterfúgios patéticos, como até mesmo imitar mamíferos semimarinhos, não se aceitaria o abusou ou o atropelo por parte de autoridades que alegam defender o povo dele mesmo, se estivéssemos em uma civilização culta e fortalecida.

É necessário ser muito ignorante para abrir mão de tudo para dar poder a alguém que alega proteger você de si mesmo, você se tornou um animal cativo em um curral, consciente disto, como aquela celebre frase de Benjamin Franklin, “Aqueles que abrem mão da liberdade por um pouco de segurança

Leandro Costa & Pedro Costa

temporária não merecem nem liberdade nem segurança”, uma vez que, a segurança que lhe foi oferecida, pode ser retirada, pois, a liberdade para lutar novamente não existe mais, inclusive, lutar por segurança.

O temos visto em nome da democracia, de uma “pseudodemocracia”, na verdade, de um Estado Democrático de Direito, onde não há nada de democrático, muito menos reflete o Direito, é justamente a sociedade destruída permitindo que um grupo faça de tudo, ainda que ao arrepio de leis, princípios, valores, para garantir uma suposta paz social, que nada mais é que, aquela imposta na comunidade pelo crime organizado, a paz que se enaltece em comunidades tomadas pelo crime organizado é, justamente, a hegemonia do crime, paz, na qual o indivíduo, com um fuzil apontado para sua cabeça, não pode reclamar. Naquele lugar, há segurança, pois, dentro da comunidade, o próprio crime proíbe que alguns delitos, que não lhe agrada, sejam praticados.

Aquelas pessoas são prisioneiras, reféns, mas estão ali muitas vezes aceitando isso, lá fora há roubo, violência, no interior da comunidade, chama-se o dono da favela e ele resolve. Tais entidades sempre vão querer o caos, a questão é entender a motivação das pessoas para aceitar e viver no caos sustentando indivíduos nefastos, talvez, por ser caos, na maioria das vezes, fabricado, sendo retroalimentado, plantando e colhendo de uma forma praticamente como na agricultura.

O parasita tende a fazer com que o hospedeiro assuma que extirpá-lo é mais danoso que sustentá-lo, sorvendo-se do sangue de sua vítima. No caso do caos, há tantos que se alimentam das mazelas que toda uma gama de agentes da revolução se orquestram para fazer do mundo um lugar infeliz e miserável, no qual, qualquer migalha seja considerada uma benção, ainda que seja dada por aquele que contribuiu para um cenário apocalíptico.

Observe quem se alimenta do caos e compreenda que sua ação é fruto de ganância e soberba, pois, o revolucionário não evitará nenhum mal, tendo em vista que, de acredita se alimentar. Por outro lado, devemos observar que a maior parte dos revolucionários está se envenenando ao passo que se alimenta da desgraça do mundo.



Sebastianismo, à espera de um Messias (parte final)



Em nosso [último artigo](#) apresentamos um pouco da conturbada história de D. Sebastião I e de sua família, até chegarmos aos eventos que se desenrolaram em Alcácer-Quibir em 1578. Nesta continuação trataremos sobre as relações entre o mito e o Brasil, a construção de parte importante de uma certa ‘mentalidade coletiva’ guiada contraditoriamente pela esperança e pela espera.

Em Portugal nasceu e foi alimentado o Mito do Encoberto, Mito Sebástico ou Sebastianismo. A ideia central do Sebastianismo envolve retorno, retomada, reinício, reconstrução e em muitos casos a fé. Se em Portugal D. Sebastião foi o catalisador daquelas ideias, no Brasil ele também teve protagonismo, mas é possível que tenha sido ultrapassado, para não dizer substituído, tendo evoluído para um comportamento de tipo sebastianista.

A história do desaparecimento de D. Sebastião e sua mitificação não tardou a chegar ao Brasil. Acredita-se que tenha sido trazida por Jorge de Albuquerque Coelho, que era filho do donatário de Pernambuco, Duarte Coelho. É atribuída a Jorge Coelho a participação na Batalha de Alcácer-Quibir, tendo atuado supostamente como Enfermeiro-Mór e desta forma teria testemunhado o ‘desaparecimento’ do rei. É também bastante plausível que os jesuítas tenham expandido os limites da história para muitas outras regiões do Brasil, conforme defendem alguns pesquisadores.

No século XIX a região de Bonito em Pernambuco foi o triste palco de um dos maiores massacres ocorridos no Brasil. Na Serra do Rodeadouro uma comunidade foi criada por Silvestre José dos Santos, conhecido popularmente como “Mestre Quiou”, que havia desertado do 12º Batalhão de Milícias de Alagoas e chegou à região do Rodeadouro por volta de 1811 e lá se instalou. Em sua casa feita de modo bem rústico com pau-a-pique e cobertura de palha, Silvestre organizava reuniões de oração para si e seus familiares. Aquelas reuniões atraíram a atenção dos residentes locais que passaram a frequentar as

Mauricio Motta

reuniões de Silvestre. Pouco tempo depois a quantidade de romeiros já era suficiente para a construção de um local maior, o que levou a criação da Irmandade do Bom Jesus da Lapa no que ficou conhecido como “Paraíso Terreal”. Durante suas reuniões, Silvestre profetizava a volta do rei D. Sebastião, que sairia de uma fenda na Pedra do Rodeadouro junto com seu exército trazendo liberdade, riqueza e felicidade a todos os residentes. A ideia inicial partiria do Rodeadouro, levaria à conquista de Bonito, seguido do Recife, chegando ao Rio de Janeiro e por fim, como em uma nova Cruzada levaria os dois exércitos de D. Sebastião (o encantado e o real) a reconquistar a Terra Santa, restituindo o cristianismo às terras infiéis. Segundo Silvestre, sob o comando do rei ressurgido, os exércitos se tornariam invisíveis aos inimigos e nenhuma munição poderia atingi-los.

As pregações e profecias de Silvestre vinham perfeitamente de encontro às esperanças de uma população sofrida e cheia de fé religiosa, porém inculta e crédula o suficiente para se alinhar àquele líder social e religioso, que se posicionou como o único interlocutor entre as mensagens recebidas e a população do Paraíso Terreal.

Após denúncia feita em 1820 pelo proprietário das terras, João Francisco da Silva, por não receber mais o arrendamento tratado junto aos locais, o administrador de Pernambuco (Luís do Rego Barreto) enviou a Bonito, tropas vindas de várias localidades de Pernambuco para sufocar qualquer possibilidade de uma nova Revolução Pernambucana como a ocorrida em 1817.

A comunidade liderada por Silvestre desapareceu na madrugada de 26 de outubro de 1820, o número de mortos e feridos se aproximou de duzentos, enquanto cerca de quinhentas mulheres e crianças foram presas e conduzidas a Recife. Quanto a Silvestre, assim como D. Sebastião, desapareceu. Acredita-se que tenha fugido durante o massacre.

O Sebastianismo ressurgiu mais uma vez em Pernambuco, desta vez na região de São José de Belmonte. Entre 1835 e 1838 foi formada uma comunidade próxima a Pedra Bonita (ou Pedra do Reino) que chegou a contar com mais de mil adeptos. Iniciada por João Antônio dos Santos e seus seguidores, a comunidade se autointitulava o “Reino Encantado”, tendo João Antônio como rei, com regras próprias e pregando o retorno de D. Sebastião, que supostamente havia se revelado a ele e prometera muitas riquezas, cura de doenças e liberdade a quem permanecesse fiel. Reuniam-se ao redor de dois monólitos de pedra que fazem parte do conjunto da Pedra Bonita, onde consumiam bebidas supostamente alucinógenas, enquanto aguardavam o cumprimento das promessas. As informações sobre a comunidade se espalharam e obviamente preocuparam as autoridades, que enviaram o padre Francisco José Correia de Albuquerque que conseguiu convencer a João Antônio a não perseverar em seus atos hereges. João Antônio se afastou, mas a comunidade permaneceu, agora conduzida por João Ferreira, cunhado de João Antônio. A partir deste ponto a fé daquela população sofrida abriu uma larga avenida para os delírios de

Mauricio Motta

sua nova liderança. Segundo João Ferreira, o rei D. Sebastião aparecera a ele e teria dito que os tesouros prometidos surgiriam quando os dois monólitos da Pedra Bonita fossem cobertos com o sangue dos fiéis. Para não tornar esta leitura em algo desagradável, nos limitaremos a dizer que ao fim de quatro dias mais de duzentas vidas foram perdidas, incluindo a vida de João Ferreira. Sua comunidade foi tomada por um torvelinho de loucura e fanatismo que afastou a racionalidade e a verdadeira fé. De todos aqueles atos de insanidade coletiva, restaram os monólitos e os romances de Ariano Suassuna e José Lins do Rego, inspirados naqueles eventos. Mais uma vez a fome e a credulidade foram más conselheiras inspiradas no Sebastianismo, e por falar em conselheira...

Também no sertão baiano entre os anos de 1893 e 1897 se desenvolveu mais uma comunidade sebastianista, o Arraial de Canudos. Sob a liderança de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, passou de uma pequena aldeia a um aglomerado de mais de vinte e cinco mil pessoas. Foi renomeado por Conselheiro, sendo chamado de Belo Monte e passou toda aquela gente, reunida sob a autoridade de Conselheiro também passou a chamar a atenção das autoridades.

As condições precárias de vida, a fome, as doenças e a pobreza foram canalizadas por um líder carismático que pregava a volta da monarquia para defender os valores cristãos ameaçados pela República. O republicanismo rompeu com o padroado, instituiu o casamento civil, trouxe a sucessão eleitoral, entre outras coisas. Todas essas novidades soavam como apocalípticas para parte de uma sociedade cristã, defensora da sucessão monárquica enquanto representação da vontade divina entre os homens, assim como do casamento validado pela igreja, sob as bênçãos de Deus. Diferentemente dos sebastianistas anteriores, Conselheiro e seus seguidores não representavam um risco a si mesmos, em função da fé que possuíam em supostas profecias de melhores condições de vida e prosperidade. Representavam uma ameaça à estrutura sociopolítica emergente da época em razão de seu desenvolvimento à revelia do Estado que se propunha governar a todos e sobre todos.

O Estado interveio de modo contundente através de quatro expedições militares que, ao longo de quase um ano, segundo estimativas, levaram à morte de mais de vinte mil pessoas. Belo Monte foi tomado quando Conselheiro já se encontrava morto e os sobreviventes permaneceram sob a tutela estatal. Euclides da Cunha registrou suas impressões sobre os eventos que testemunhara em seu livro “Os Sertões” e profetizou a solução para a questão de Canudos. Solução que por décadas permaneceu abafada por interesses outros: *“Sejamos justos – ‘há’ alguma coisa de grande e ‘solene’ nessa coragem estoica dos nossos rudes patrícios (...) a conquista real consistirá no ‘incorporá-los’ (...) à nossa existência política”*. Não foram.

O século XXI chegou e avança, quanto ao sebastianismo, permanece como sombra que nos acompanha sem ser percebida. O que havia em nossos antepassados do Rodeadouro e da Pedra Bonita,

Mauricio Motta

que abriu portas àqueles fenômenos de religiosidade? A fé religiosa, a profunda ignorância da realidade, a mais desesperada necessidade e muita esperança em dias melhores. Todas as características elencadas faziam do ato de esperar por um salvador quimérico, algo compreensível ainda que pouco útil. Entregaram suas últimas forças na espera, quando não entregaram a vida a figuras idealizadas de liderança pujante e sábia.

O que houve em nossos antepassados de Canudos que também abriu portas? As mesmas características geradoras de antes, com a diferença crucial no que concerne às ações tomadas. Em Canudos não se esperava por um rei messiânico, se trabalhava pela implantação de seu reino, todavia, a morte e a desgraça foram iguais para todos, posto que fé sem ação planejada e persistente é indicativo de ruína que se avizinha.

A vitória de Jair Messias Bolsonaro na eleição de 2018 saiu da garganta de milhões de brasileiros como o vagido de um recém-nascido ao contato com a liberdade. O que fazer agora que experimentamos a liberdade? ‘Esperar’ que ele construa o nosso ‘reino’ de justiça e prosperidade. Os anos passaram e a ainda incipiente sociedade conservadora brasileira, testemunhou estarecida a perda das eleições por parte de seu candidato. Jair Messias Bolsonaro marchou para seu próprio Alcácer-Quibir e desapareceu. Desde anos antes de sua eleição, aquela sociedade ‘esperava’ por um nome que materializasse seus objetivos coletivos. Este nome surgiu e os prodígios de patriotismo que observamos nos cegaram parcialmente, impedindo a visão do óbvio: nossos adversários nos cercavam o arraial. O período entre trinta de outubro de 2022 e primeiro de janeiro de 2023 pode ter sido o auge de um possível sebastianismo contemporâneo. Muitos ‘esperaram’ por um possível Artigo 142, outros ‘esperaram’ pela intervenção militar que restauraria a ordem, tantos outros ‘esperaram’ a cada data marcada pela concretização de alguma profecia: “Algo está para acontecer”, “falta pouco”, “ele vai agir dentro das quatro linhas da Constituição”, “ele está aguardando o melhor momento para agir”. Como portugueses d’antanho ‘esperaram’, mas o rei não voltou.

Seguiu-se a decepção e a tristeza. Rasgaram-se as vestes e cobriram-se de pó as cabeças, mas o Messias não retornou no sexagésimo terceiro dia.

[Olavo de Carvalho](#) costumava dizer que tudo quanto foi feito, foi anteriormente escrito e depois materializado. Nossa guerra é no campo cultural, é lá que precisamos lutar, é lá que venceremos. É preciso manter a esperança, mas é fundamental parar de ‘esperar’.

O que mais poderia dizer este humilde cronista ao leitor ainda desalentado? Só nos resta relembrar um trecho de um de nossos artigos, escrito para a edição de nº 1 da [Revista Conhecimento e Cidadania](#), sob o título “[A História é escrita pelos vencedores](#)”:

Mauricio Motta

“Se o socialismo brasileiro foi obra de quase 100 anos de trabalho incansável, cabe a nós, herdeiros deste terrível legado, compreendermos de uma vez por todas que ocupar a presidência do Brasil é apenas ocupar um espaço, dentre tantos outros possíveis. Conquistamos o ponto mais alto, nos falta conquistar os mais importantes”.

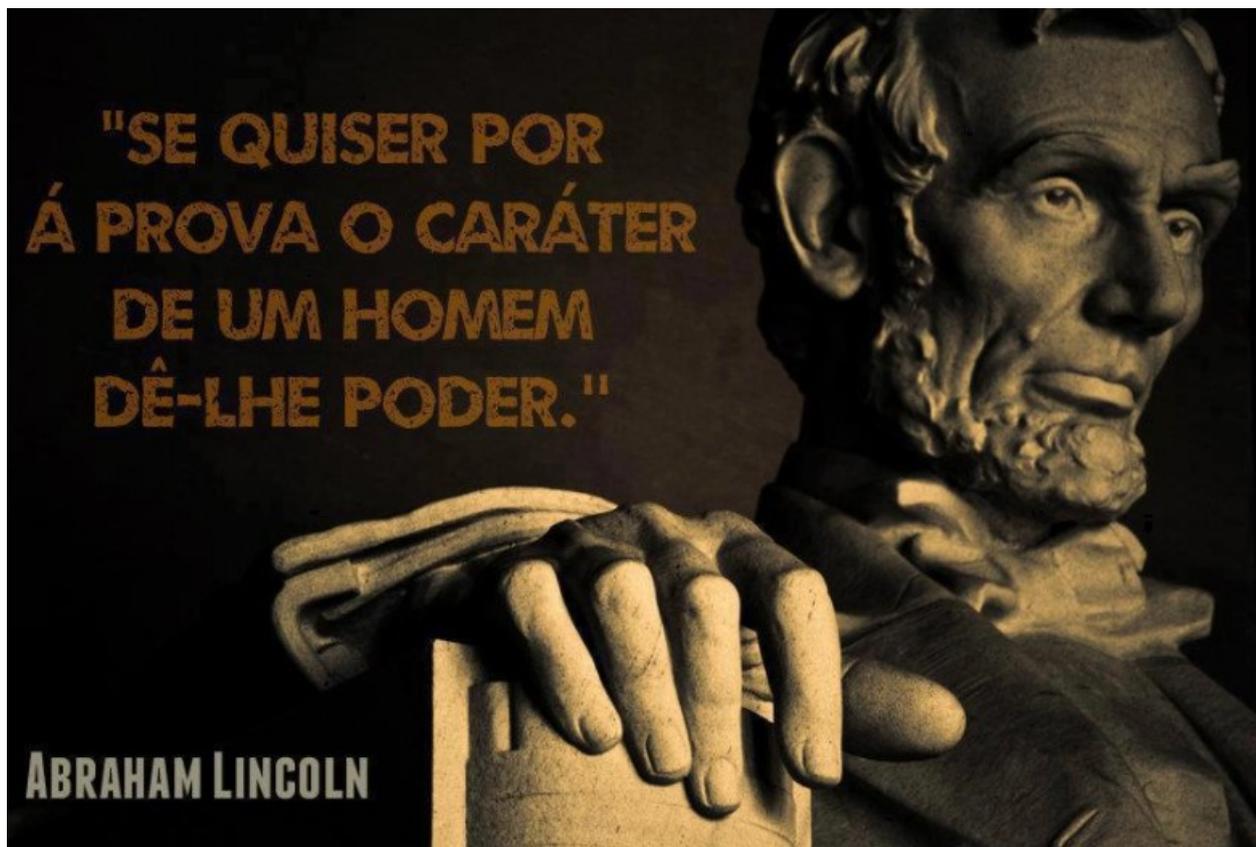
Nas palavras do rei D. Sebastião I, “Senhores, a liberdade real só há de se perder com a vida”. Dito isto, continuaremos a lutar até o limite da vida!

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no
canal!**

Uma visão filosófica sobre, poder e corrupção



Circula faz muito tempo a seguinte frase: “o poder corrompe”.

Faria sentido esta frase, uma vez que o poder é a ferramenta que nos dá liberdade, ou seja, só é livre quem pode e sendo assim um escravo não é livre porque não pode ter a liberdade. Baseado nessa visão o poder é o que vence a corrupção e não o que a promove, vejamos, se entendermos os conceitos na sua essência poderemos resolver muitos conflitos que o nosso baixo nível de educação e nossa cultura materialista promovem na sociedade.

Presenciamos em nossos dias uma corrida louca e inconsequente pelo tão efêmero poder que leva consigo a dignidade e honra do portador.

Lembro que, “poder” é o fato de poder fazer ou ter algo, seja uma tomada de decisão um compromisso, missão e até de tornar-se uma pessoa melhor, mais instruída, virtuosa um colaborador da sociedade.

Com tudo, o que seria uma sociedade dotada de poder, do poder que lhe cabe?

Pensemos....

Edson Araujo

Se uma pessoa está em a determinada posição onde a tentação de corromper-se é iminente, o que faria com que esta pessoa se mantivesse íntegra? Poder!!!

Veja que nesse caso dizer que o poder corrompe é uma narrativa que se desmonta por si só, já que o que evita a corrupção é justamente o poder humano de não ceder.

Lembro sempre que aqui tratamos dos conceitos filosóficos, ou seja , humanos, porém do ser humano na sua íntegra, no seu ápice.

Tendo claro o que é o conceito de poder aqui proposto, vamos ao centro da reflexão: “todo poder emana do povo”

Está escrito em nossa constituição, porém o povo realmente tem poder pra emanar?

Senão, ficamos apenas na teoria e dela não sairá nada se não houver condições de prática.

Queremos um país poderoso, mas nos esquecemos que um país forte se faz com uma nação forte; uma nação forte se faz com um povo que conhece sua história pessoal e coletiva, com um povo que sabe de onde veio e para onde quer ir, e principalmente, um povo que não abre mão de portar as virtudes que quer ver representadas nas autoridades que elegeu, pois se não as temos, nada temos, pois não teríamos moral para exigir dos outros o que nem mesmo nós temos.

Por tanto o centro desta reflexão mostra que nós temos nos representando aqueles com os quais nos identificamos. Talvez você leitor que reflete comigo agora nesta leitura não concorde, mas te convido a observar a realidade e experimentar trazer para si num ato de auto responsabilidade, estabelecer nos espaços que temos alcance real, como dentro de nós mesmos as tão imprescindíveis virtudes que de fato empodera o indivíduo e por ressonância a família, amigos, sociedade, povo, nação e por fim o mundo.

Existe uma pergunta recorrente: como eu posso adquirir este poder?

Sendo a pessoa de honra, fidelidade, honestidade, lealdade, fibra, temperança, constância ou qualquer outra virtude humana que sabemos que com as tais podemos mudar nosso país.

Assim teremos moral prática para que com a sabedoria e inteligência, características de um povo forte, possamos exigir dos outros o que temos em nós.

Tenhamos dentro de nós o estado que tanto sonhamos fora e seremos nós as autoridades que tanto sonhamos ter, com isso, o país melhora a partir de nós mesmos, pois é impossível que onde haja virtude, não haja também bênção e prosperidade.

Nosso poder está na moral natural, caso não a tenhamos corrompemos nossa condição.

Que deus abençoe nossa jornada!!

A trilha do Descobrimento do Brasil



Atear fogo!

Homens, onde está a rota de fuga? Atrás tens o mar e à frente o inimigo. Vossa única bravura será estabelecer, aqui, a religião verdadeira, o mais que conquistares serão despojos, pertencerão a vós mesmos.

Segundo a lenda, esta foi a mensagem de Tariq Ibne Ziade, comandante mouro, depois de mandar incendiar as naus com que seu exército atravessara o estreito de Gibraltar, vindo da África. Queria expandir o Islã e o domínio árabe sobre a península Ibérica.

Seus homens avançaram, ao fio dos sabres, com tamanha ferocidade que os visigodos, habitantes originais do local, findaram por recolher-se a pequenos vales no extremo norte da região.

Amontoaram-se em comunidades com pouca estrutura e foram reduzidos a condição de dhimmis, não-muçulmanos em território muçulmano sob favor da tolerância islâmica. Par fazerem jus a esta concessão de pacificidade foram forçados ao pagamento de um imposto extra, o Jizyah. Os lusos honraram esta exigência e conseguiram preservar a fé cristã nesses espaços.

Maria Cecília Carnáuba

Houve várias tentativas de expulsão dos árabes do território até que o infante Dom Afonso Henriques foi designado comandante das tropas lusas. Tinha a incumbência de enfrentar os blasfemadores do nome de Cristo.

Em 24 de Julho de 1139, chegou ao campo do Ourique e avistou a grandeza do exército inimigo versado na arte da guerra. Sua gente fraquejou, inebriou-se de temor e tomou a derrota como inevitável ante o perigo manifesto.

Porta-vozes foram ao infante pedir que não desse conflito aos mouros, eram inumeráveis, estima-se a proporção de 100 para cada Godo. Queriam que negociasse com os infiéis, para que se evitasse a ruína iminente.

Dom Afonso aturdiu-se, precisava revigorar o ânimo dos homens à batalha, mesmo que o preço fosse a própria vida, a causa era sagrada. Confiado no socorro que Deus oferece aos seus nas dificuldades mais prementes, afastou-se do grupo.

Com a alma tomada pela fé, pediu a Deus fortaleza para seus guerreiros a fim de merecerem a vitória na batalha iminente. Com escudo e espada empunhados fitou o céu, donde um bellissimo resplendor eclodiu, avolumou-se, espelhou a Santa Cruz e, nela, Jesus crucificado.

Dom Afonso desvestiu-se dos trajes nobres e prostrado em terra, suplicou por seus vassallos pediu, sobretudo, que o Senhor não se mostrasse a ele mas aos infiéis, a fim de convertê-los. Exclamava repetidamente: “Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis, e não a mim, que creio o que podeis!”

Jesus disse que aparecia, a ele, para confirmar sobre firmíssima pedra o reino que haveria de surgir após a vitória que daria aos godos nesta peleja. Acrescentou que edificaria, sobre Dom Afonso Henriques, um império através do qual o nome de Deus seria levado às gentes estranhas, porque é Ele o fundador e o destruidor dos impérios do mundo.

Em seu reinado, Dom Afonso registrou seu juramento descritivo desta manifestação sobrenatural do crucificado em um pergaminho. Nele após o selo de Sua Majestade e fez inserir a indicação de nove testemunhas, mandou guardá-lo na abadia de Alcobaça, em Portugal.

Na manhã seguinte à aparição de Cristo, dia em que a igreja católica celebra a festa do Apóstolo de São Tiago, Dom Afonso fez rezarem-se missas nas quais comungou junto com seus guerreiros.

Em seguida, ao ver os mouros posicionados para guerrear, deu a ordem de batalha. Os Godos lançaram-se contra os inimigos com tamanho vigor que findaram por tornar real a vitória prometida, ao infante, pelo Redentor do mundo encravado na Cruz.

O Reino de Portugal estruturou-se a partir deste evento, por isto, traz como divisa a Santa Cruz. Ao longo dos anos, se manteve fiel ao propósito de sua criação atribuído por Cristo no Ourique: a difusão da fé, do cristianismo.

Maria Cecília Carnáuba

No século XV, sob a trilha desta missão e para robustecê-la, os reis de Portugal incentivaram o desenvolvimento da navegação, através do acolhimento de navegadores em Sagres cujos conhecimentos foram partilhados entre si e deram origem a um conjunto dos saberes que posteriormente se denominou escola de Sagres.

Deste empenho surgiram as caravelas, encimadas pela marca da Santa Cruz. Eram navios pequenos com tecnologia arrojada o que permitiu, aos portugueses, lançarem-se ao mar, com a fundamental ajuda dos Cavaleiros da Ordem de Cristo, em busca de levarem a revelação do Cristo a todos os que encontrassem.

Chegaram ao Brasil. Como primeira providência, chantaram a Santa Cruz e o padre frei Henrique disse a missa a que os presentes assistiram de joelhos: os navegadores, cinquenta índios e dois degredados que ficaram na nova terra.

Escreveu-se carta a Dom Manoel, El rei de Portugal, sobre o achamento do Brasil. Este escrito dizia que o melhor fruto a se tirar da terra encontrada será salvar a sua gente e que esta deve ser a principal semente lançada ao solo por Sua Alteza.

“Esta gente é boa e de boa simplicidade..., Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à Santa fé Católica, deve cuidar de sua salvação.”

Deus nos ajude a seguir neste sagrado serviço!

Seja a tua palavra sim, sim; não, não



“Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.” (Mateus 5:37).

Vivemos hoje a era do “cancelamento”: se discordamos de opinião A ou B, recebemos todos os adjetivos possíveis. Contudo, a maioria tem medo desta “cultura”, pois não quer perder a fama, a posição, o status. E para isso, acaba por prostituir seus valores.

O apóstolo Pedro se viu em uma situação de perigo extremo: preso, submetido a julgamento, estava prestes a ser morto por pregar o Evangelho:

“E o sumo sacerdote os interrogou, dizendo: Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.” (Atos 5:27-29).

Infelizmente, esta não tem sido a postura da maioria dos que se dizem cristãos ou conservadores. Por medo da “patrulha do cancelamento progressista”, fazem um verdadeiro contorcionismo mental para não terem que afirmar suas crenças.

Um exemplo é a questão do aborto; para exemplificar, trarei aqui um dos casos de maior repercussão: [tudo começou com uma “denúncia” do jornal progressista The Intercept](#). A mãe da menina

Danielly Jesus

a levou para o *Hospital Universitário de Florianópolis* ao constatar a gravidez. O curioso é que a menina já estava com 22 semanas de gestação.

Após a recusa do Hospital de realizar o procedimento – a lei só autoriza o aborto em caso de estupro até 20 semanas – a mãe da menina recorreu à justiça, porém, não obteve o aval judicial. O caso, que corria em segredo de justiça, foi vazado pelo site de esquerda, através da ONG Catarinas. Foram publicados trechos SIGILOSOS da audiência da juíza do caso à época, doutora *Joana Ribeiro Zimmer*, onde ela perguntava à menina se poderia “*suportar mais um pouquinho*” para, assim, permitir que o feto pudesse ser retirado com vida. A juíza, acertadamente, havia autorizado a ida da menina para um abrigo, explicando em um dos despachos o risco da mãe efetuar algum procedimento para operar a morte do bebê.

A Dra. Joana também havia exigido que o padrasto e o filho deste fossem retirados do convívio da menina por tempo indeterminado pois a juíza desconfiava de que um dos dois fosse o abusador – haja vista o comportamento da mãe da menina.

Porém, toda a extrema imprensa tratou de execrar a imagem da magistrada e o caso foi encaminhado para outra vara, que decidiu – apressadamente, diga-se de passagem – que o aborto fosse realizado.

Então, tive o desprazer de assistir uma comentarista (que se diz conservadora), dizer o seguinte absurdo:

“Cabia à juíza cumprir o que está na lei. Se a mãe dessa criança acha que o melhor para a filha é abortar – o que grande parte das pessoas acha – cabe à juíza cumprir o que tá na lei. Tá lá, a lei garante a pessoa que sofre abuso escolher se quer ou não continuar com a gestação. Agora já tá avançado. E cabe agora aos médicos, e não à juíza, ver o que é melhor para essa criança.”

Ao ouvir tamanha asneira, fui tomada por uma revolta absurda! Como pode alguém que se diz conservador falar uma bobagem inominável? “*Mas, a lei diz isso, a lei diz aquilo...*” E desde quando toda lei é justa, moral e aceitável?

Frederic Bastiat, autor do clássico “*A Lei*”, explica isso com maestria: a lei deve servir para proteger os três dos dados por Deus – vida, liberdade e propriedade; e que ela não pode se contradizer com a moral. Aí está o problema.

O ser humano tem essa tendência de acreditar que tudo o que está cristalizado em lei é legítimo; mas tomemos como exemplo os piores regimes autoritários da humanidade: todos exerciam seu poderio por meio de lei. Ora, então está tudo bem, judeus serem entregues a autoridades apenas por existir uma lei? Óbvio que não. Mas, por que então se fazem malabarismos mentais no que tange a outros assuntos?

Danielly Jesus

O que fica claro é que muitos pertencentes à ala direitista não são conservadores, até defendem o Estado mínimo, o direito à legítima defesa, a soberania nacional, porém são desprovidos daquilo que *Roger Scruton* chama de “*valores intrínsecos*”. E isso é um péssimo sinal, pois uma pessoa sem valores morais é passível de ser influenciada por quaisquer movimentos.

Um dos sinais de que uma pessoa tem valores é a sua palavra: ou ela diz sim ou ela diz não; ela não se deixa guiar pelas “*ondas*” do momento, não se importa com o “*cancelamento*”, não tem medo de defender aquilo que crê. Esta posição remete, inclusive, ao próprio caráter de Deus, pois a Bíblia diz: “*Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa*” (*Números 23:19*)

Este relativismo é fruto de anos e anos de lavagem cerebral feita por movimentos revolucionários. A verdade deixou de dizer respeito à realidade e passou a ser algo relativo aos desejos e à satisfação das pessoas. E muitos daqueles que se dizem de direita tem utilizado deste método para escapar do linchamento virtual; afinal, defender valores e princípios tornou-se *démodé*. E estes são os que têm espaço na mídia, ao contrário dos que se mantêm firmes em seus princípios.

Infelizmente, este não é um dilema exclusivo dos nossos dias; no livro de Salmos, Asafe relatou o quão era difícil para ele ver aqueles que não tinham estes valores aparentemente prosperando:

“Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos. Pois eu tinha inveja dos néscios, quando via a prosperidade dos ímpios.” (*Salmos 73:2,3*).

Permanecer na verdade, ainda que seja uma tarefa árdua, traz frutos. O que seria da igreja se os apóstolos Pedro e Paulo sucumbissem diante da perseguição? Quem escreveria a revelação de Apocalipse se o apóstolo João desistisse? E o que seria de nossas almas se Nosso Senhor Jesus Cristo simplesmente dissesse “*não*” à cruz? Diga-se de passagem, nem o Senhor Jesus se agrada de gente “*meio barro, meio tijolo*”:

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.” (*Apocalipse 3:15,16*)

A Era da Loucura: Pão e Circo



Durante anos de construção, o cristianismo passou por muitas fases. Costumo dizer que a Igreja Católica é um abrigo de muitas crenças: franciscanos, carmelitas, carismáticos e muitas outras. Vivi o suficiente para dizer que a Igreja se reinventou para conquistar, mesmo pregando que não deve mudar mas o mundo que precisa abraçar a cruz... Na prática, não é assim que funciona, a Igreja escolheu agregar pluralismo do que perder mais “uma alma”.

Contudo, se por um lado seu “modus operandi” aparenta uma filosofia altruísta, por outro, pode nos trazer consequências avassaladora se não acontecer respeitando seus pilares de fé: Sagrada Escritura, Tradição e Magistério. O senso comum nos ensina que ao procurarmos agradar a todos, não agradamos a ninguém.

“O falso se dá bem com todo mundo, o verdadeiro não” (Freeman, M).

Vale reforçar que, católico ou não, todo cristão é chamado a ser o sal no mundo. Nós somos convidados a dar o verdadeiro gosto a vida, e esse tempero é o próprio Cristo. Evidentemente, não devemos como bons cristãos deixar de acolher mas precisamos entender que o Evangelho é para aquele que deseja o seguir. A busca por Deus não é algo fácil, precisa de abdicção e coragem, como o apóstolo Paulo nos exorta: "mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça. (Ef 6, 14).

Juliette Oliveira

Entretanto, quando não conhecemos a verdade, temos a tendência de criticá-la. Como diria Maurício Lobato “quem mal lê, mal ouve, mal fala e mal vê”. Toda história é a versão de quem conta e algumas vezes distante daquilo que aconteceu. Ou ainda, contada de modo a atender certos interesses.

Certamente quando nos rodeamos de amigos ou nem tão amigos com visões distintas, ampliamos nosso campo de visão e passamos a compreender diferentes pontos de vista. Contudo, se não colocarmos nossa razão à luz da sabedoria divina estaremos apenas diante da vã filosofia dos homens. Isso porque a verdade de um, pode não ser a verdade do outro.

E mesmo refutando as ideias concebidas pelo senhor Leonardo Boff, preciso concordar que “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Aliás, neste quesito a Palavra de Deus nos mostra que relativizar a verdade é uma heresia, pois a verdade divina é única. Mas essa conversa ficará para um próximo artigo.

Como sal do mundo, além de darmos sabor a vida também somos chamados a preservá-la. Então, não podemos nos fechar em nosso “mundinho”, ou pior, optar pela autossabotagem. Isso porque colocaríamos nossa sociedade em degradação.

Sintetizando, não temos a escolha de sermos preguiçosos e não buscar pela verdade. Deste modo, somos constantemente chamados a adquirir conhecimento, criar discernimento e ter sabedoria mas essa missão é árdua. Necessita de dedicação e comprometimento. Se formos negligentes, omissos ou desistentes ficaremos a mercê daqueles que detém a informação porque optamos por deixar outro alguém pensar e definir por nós em que podemos ousar acreditar.

Infelizmente, parece que perdemos completamente a capacidade de defender nossos argumentos, é mais fácil “cancelar”, “bloquear”, “deixar de seguir”... Nos tornamos uma sociedade das interações superficiais. Que acredita em tudo que se diz, que é fácil de ser enganada, manipulada... Não podemos nos permitir ser meras marionetes do sistema. Uma frase atribuída a Shakespeare diz que “sempre é tempo da peste, quando são os loucos que guiam os cegos”. E parece que justamente estamos vivendo a “Era da Loucura: Pão e Circo”.

Alguns meses atrás, me deparei com um site que se define como uma plataforma que busca combater a desinformação. Entretanto, um pouco diferente dos serviços que costumamos nos deparar, esse site específico é um caçador de informações nas redes sociais públicas. Funciona do seguinte modo, salva as informações coletadas em sua base de dados e fornece esse serviço para agentes públicos ou até mesmo empresas privadas. Uma espécie de vigilantes de mensagens e compartilhamentos de informações “públicas” com a missão de salvar a internet das chamadas “fake news”.

Juliette Oliveira

Serviços desse tipo crescem constantemente porque as pessoas não querem perder tempo para pensar ou pesquisar. Então, fica bem mais fácil alguém “já se dar a esse trabalho, né?” Obviamente, não. Não existe almoço grátis e ninguém faz isso porque é bonzinho.

Escolher ser “isentão” em um sociedade tão louca pode ser muito conveniente e trazer até alguma paz. Mas se fazemos isso em nossa vida pessoal, será que não estamos permitindo nossa fé também ficar morna? Lembrando que no livro de Apocalipse somos advertidos “seja quente ou seja frio. Não seja morno, senão te vomito” (Ap 3, 16).



Não estou dizendo para ninguém subir ao monte e sair gritando aos quatro cantos do Universo a ponto de perder a cabeça na guilhotina (não é uso de linguagem) mas que façamos nossa reflexão espiritual para entendermos nosso papel no mundo. Será que nesse momento, Deus precisa de um Pedro recolhido e escondido ou de um Pedro preso, perseguido, torturado e crucificado de ponta cabeça?

Repito como mencionado no artigo anterior, precisamos de cautela. Mas é necessário identificar quem queremos ser e o que desejamos alcançar nesse e no outro mundo.

Portanto, “enquanto a verdade estiver amordaçada, a mentira sequestrará o mundo” (autoria desconhecida), pois “nenhuma quantidade de evidência irá persuadir um idiota” (Mark Twain, escritor EUA). Afinal, “geralmente é inútil tentar apresentar os fatos e análises para pessoas que desfrutam de um senso de superioridade moral em razão da sua ignorância” (Sowell, T).

Marylin

Assisti ao filme *Blonde*, estrelado por Ana de Armas, que vive Marilyn Monroe. Apesar de ser deprimente, sob diversos aspectos, como foi a própria vida da modelo e atriz, a película me fez refletir sobre muitos dos temas que ali são abordados.

Filha de uma corista do cinema com pai desconhecido, a menina foi criada em um orfanato, após a mãe ter sido internada em um sanatório, diagnosticada com esquizofrenia. Foi casada com Joe Di Maggio

Erika Figueiredo

e Arthur Miller, amante do Presidente J. F. Kennedy, viveu um romance com Charles Chaplin Jr... enfim, uma vida cheia de emoções.

Com uma trajetória recheada de ausências e carências afetivas (passou a vida em busca de um pai), Norma Jean (seu nome de batismo) não gostava de ser confundida com a personagem que criou. Entretanto, não conseguiu desenvolver uma personalidade e uma identidade própria, que permitissem que fugisse do estereótipo da loira gostosa, tampouco que se mantivesse distante de relações abusivas.

O despreparo de Marilyn fez com que o sucesso meteórico causasse-lhe muito mal, e a estrela passou a vida toda considerando-se uma fraude, não merecedora da fama, da atenção e dos elogios que recebia. Queria ser Norma Jean. Mas, quem era, afinal, essa moça? Marilyn não tinha resposta para tal pergunta.

O filme é péssimo, sob diversos aspectos. Mostra cenas de aborto, que nunca confirmados na vida real, diálogos com voz infantil, caricaturas da imprensa, divagações de Marilyn... Aliás, é de extremo mau gosto e repleto de vulgaridades, tentando criar uma aura angelical e frágil para a personagem, que teria sido explorada, usada e abusada pelos homens, o que não é, em absoluto, a verdade dos fatos.

Esta é apenas mais uma dessas releituras de obras feministas (o filme é baseado no tendencioso livro de Joyce Carol Oates), que faz questão de apresentar Marilyn como uma vítima do machismo e dos homens, de modo geral. Marilyn esteve longe disso. Afinal, fez o que quis, escolheu seus papéis, posou nua logo no início de sua carreira, desfrutou de sua liberdade sexual e valeu-se de sua autonomia financeira.

Evidentemente, foi julgada, pelos padrões morais da época, como era de se esperar. O fato de ter se tornado dependente de álcool e medicamentos, também ajudou a manchar a imagem da atriz, que frequentemente foi vista em público drogada e bêbada.

O que salta aos olhos, e que já me chamava a atenção na biografia da atriz, é a imagem de ingenuidade que o filme busca passar. A própria Marilyn alimentou tal imagem. Chamava seus parceiros afetivos de Daddy, possuía uma voz doce e baixa, não contrariava quem quer que fosse.

Acusada de ter se valido de seus dotes físicos para subir na carreira, soube capitalizar sua imagem e a fama, e ganhou bastante dinheiro. Teve condutas de caráter duvidoso, e após tornar-se dependente de drogas, passou a descontrolar-se em público e nos estúdios.

Sobretudo, a mensagem que este filme de quinta categoria me deixou, foi a de que, quando a bonança, o sucesso, o poder e o dinheiro chegam em nossas vidas, precisamos estar prontos. Tudo que pode ser bom, pode, se mal utilizado, ser nossa ruína. Toda moeda tem duas faces.

Como disse em meu artigo do fim do ano, [White Lotus](#), fama e fortuna, poder e sucesso, deveriam vir não para quem os persegue implacavelmente, mas para os que farão bom uso destas ferramentas.

Erika Figueiredo

Porque, no final das contas, deveriam ser isso: tão somente ferramentas, para a evolução pessoal, o impacto positivo na sociedade e o suporte financeiro de quem amamos.

Todas as vezes em que essas conquistas são utilizadas para vaidade pessoal, para o alcance de status e a submissão dos outros às nossas vontades, o que se vê é um rastro de destruição e dor. O filme sobre a vida de Marylin é um retrato disso. Uma vida desperdiçada, que poderia ter sido utilizada para coisas nobres e para deixar um legado. E que legado seria esse? Não seria, a toda evidência, o de sex simbol, que ficou colado na imagem da atriz.

Descolar-se do personagem, construir uma trajetória baseada em valores sólidos, ter a noção da necessidade de se ter um propósito de vida, e das imperfeições que precisamos superar, a cada dia, não é uma missão fácil. Esta exige renúncias pessoais, evolução da personalidade, autodomínio, para a evitação dos vícios e excessos, o controle do temperamento, o foco em um bem maior...

Mas, somente o amadurecimento da personalidade pode trazer-nos as conquistas e as recompensas de que merecemos desfrutar, como seres humanos. A vida madura é solitária. É mais contida. É mais densa e profunda. Mas é mais repleta daqueles bens e riquezas, que nos deixam mais próximos de Deus.

Marilyn queria ser aceita e amada. Em troca disso, usou a fama e o dinheiro, teve muitos romances, prostituiu sua personalidade, em busca deste reconhecimento. Pagou um preço alto, tirando a própria vida. Uma vida que poderia ter sido vivida de modo completamente diverso, caso houvesse sentido, propósito e senso de pertencimento, que só há para aqueles que aqui estão, com a clareza de sua missão.

A sutileza diabólica no uso da novilíngua

“Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.”
(Gênesis 11:7)

Em qualquer debate acerca da Nova Ordem Mundial, o problema da novilíngua é trazido à tona. E cada vez mais o assunto vem ganhando contornos assustadores dada a imposição por parte dos representantes da agenda globalistas que são alçados ao poder. Boa parte dessas reflexões se deve ao clássico "1984" de Orwell, embora possamos encontrar indícios acerca do tema em outras literaturas distópicas. Ressalte-se ainda que a adoção de uma forma distorcida de comunicação é a parte fundamental de um projeto maior que envolve, entre outras ações, reescrever a história ao arrepio da realidade dos fatos para atender aos objetivos de perpetuação de poder das elites globalistas. Quando uma rede social, por exemplo, te pergunta “O que você está pensando?”, na verdade ela está simplesmente filtrando e entabulando o seu perfil intelectual. E tudo isso passa pela manipulação da realidade através do controle não só do que se “pensa”, mas, principalmente, do que se “diz”, numa astuta inversão de construção de pensamento, feita de fora para dentro.

Como vemos no texto Sagrado Judaico-cristão, quem controla a “língua”, ou seja, a comunicação, é quem demonstra ter poder de fato para impor a sua vontade. São as línguas, na verdade, que representam um dos pilares antropológicos mais elementares, profícuos em informações essenciais que levam às origens das nações de modo geral, como, aliás, revelam as Sagradas Escrituras Judaico-Cristãs.

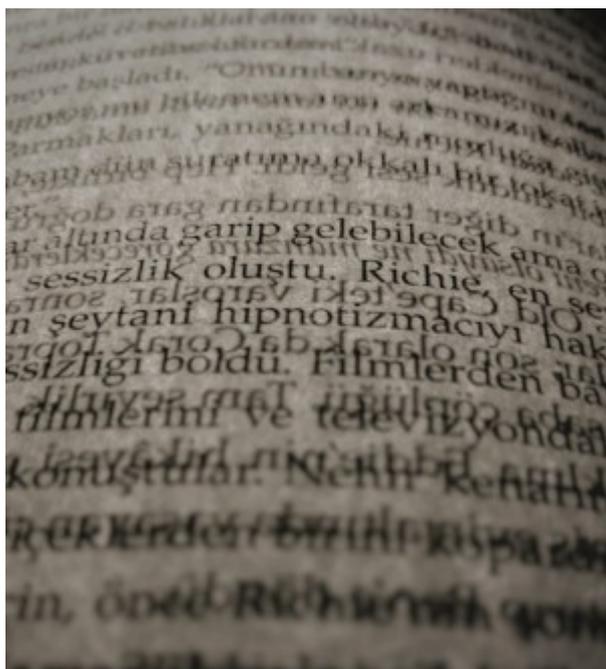
Por isso o reino das trevas que opera nos bastidores da NOM, que comumente chamamos de Nova Era, se lança vorazmente sobre os mecanismos linguísticos ou de comunicação da humanidade, deturpando-os, manipulando-os e jogando-os em um caos infernal de reinvenções constantes que têm como única finalidade reorganizar de forma invertida a confusão (Babel) que foi provocada pelo Eterno lá nos primórdios, na terra de Sinar.

Ora, se não podemos chamar as coisas como elas são, o que elas passam a ser, afinal? Elas passam a ser qualquer coisa que alguém que supõe ter poder para modificar a realidade diga que ela é. E isso simplesmente é atentar contra a Ordem Natural das Coisas do ponto de vista da tradição humana, do conhecimento ancestral, da sabedoria antiga. Quando deixo de chamar uma mulher de “mulher” e uso “pessoa com vagina”, ou quando eu retiro dos registros pessoais de alguém os nomes “pai” e “mãe”, trocando-os por “genitor 1” e “genitor 2”, o que busco é desordenar as estruturas sociais, desconstruindo um fio condutor que nos manteve seguros até então, porque nos deu uma identidade.

Neto Curvina

E então chegamos em um dos projetos mais diabólicos do progressismo: a implosão dos alicerces identitários humanos, que nos diferenciam uns dos outros e do restante da criação, nos concedem particularidades e peculiaridades ditadas pela biologia e nos mostram quais os nossos lugares no tabuleiro. “Pai” é “pai”, “mãe” é “mãe”, e saber disso importa para o Criador, que foi quem determinou as regras a serem seguidas. Entendem a ideia?

Mas isso não nasceu com Orwell. Ou Huxley. Ou Wells. Isso nasceu no mundo sombrio que os nossos olhos mortais não podem ver, nas mais densas trevas espirituais. E começou a dar certo quando começaram a dizer que “Deus” não é “Deus”, mas sim uma “luz cósmica” ou uma “Força invisível” ou sei lá o que mais inventam para renomear o que não pode ser renomeado. Só que Deus é Deus, e quando se revelou a Moisés fez questão de se identificar. E não é – e nem será – uma súcia de relativistas místicos e deslumbrados com o que Paulo chamou de “doutrinas de demônios” em I Timóteo 4:1 que mudará isso.



Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa



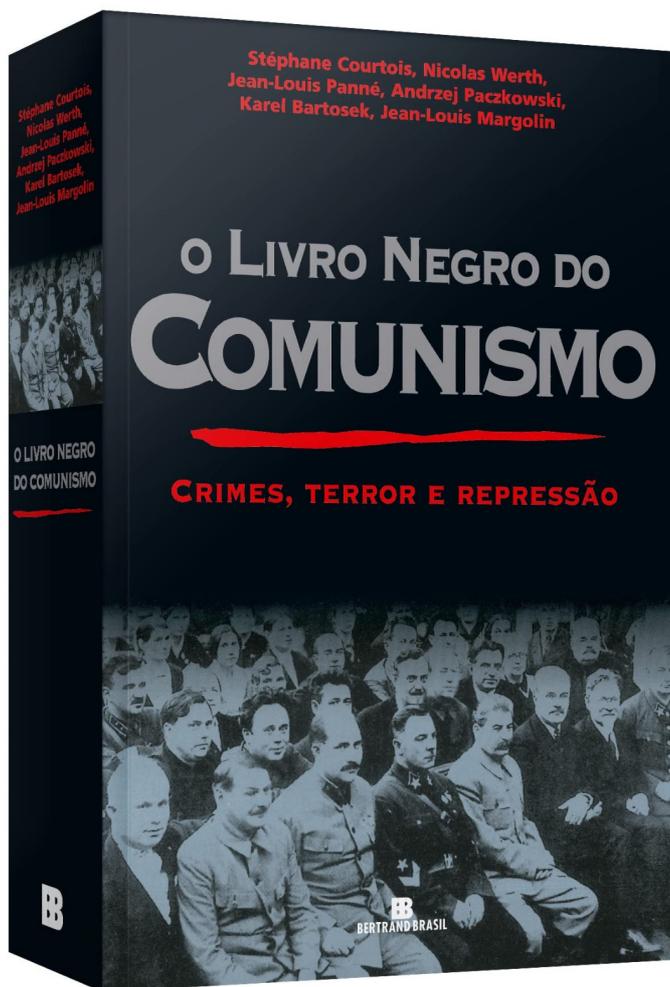
Dica de Filme

Joana d'Arc de Luc Besson

Em 1412, nasce em Domrémy, França, uma menina chamada Joana (Milla Jovovich). Ainda jovem, ela desenvolve uma religiosidade tão intensa que a fazia se confessar algumas vezes por dia.

Eram tempos árduos, pois a Guerra dos Cem Anos com a Inglaterra se prolongava desde 1337. Em 1420, Henrique V e Carlos VI assinam o Tratado de Troyes, declarando que após a morte de seu rei a França pertencerá a Inglaterra. Porém, ambos os reis morrem e Henrique VI é o novo rei dos dois países, mas tem poucos meses de idade e Carlos (John Malkovich), o delfim da França, não deseja entregar seu reino para uma criança. Assim, os ingleses invadem o país e ocupam Compiègne, Reims e Paris, com o rio Loire detendo o avanço dos invasores. Carlos foge para Chinon, mas ele deseja realmente ir para Reims, onde por tradição os soberanos franceses são coroados, mas como os ingleses dominam a região, isto se torna um problema. Até que surge Joana que, além de se intitular a "Donzela de Lorraine" tinha uma determinação inabalável e dizia que estava em uma missão divina, para libertar a França dos ingleses. Desesperado por uma solução, o delfim resolve lhe dar um exército, com o qual ela recupera Reims, onde o delfim é coroado Carlos VII. Mas se para ele os problemas tinham acabado, para Joana seria o início do seu fim.

Dica de Livro



O Livro Negro do Comunismo traz a público o saldo estarrecedor de mais de sete décadas de história de regimes comunistas: massacres em larga escala, deportações de populações inteiras para regiões sem a mínima condição de sobrevivência, expurgos assassinos liquidando o menor esboço de oposição, fome e miséria que dizimaram indistintamente milhões de pessoas, enfim, a aniquilação de homens, mulheres, crianças, soldados, camponeses, religiosos, presos políticos e todos aqueles que, pelas mais diversas razões, se encontraram no caminho de implantação do que, paradoxalmente, nascera como promessa de redenção e esperança.

Carnaval



O Carnaval é a festa popular mais tradicional do Brasil e é realizado em diversas partes do mundo. Considera-se que a festa surgiu durante a Idade Média, embora tenha características herdadas de festas populares da Antiguidade. O termo “carnaval” deriva do termo em latim “carnis levale”, que significa “retirar a carne” e tem relação com a função da festa em suas origens.

Tradicionalmente, o Carnaval tem como mote a ideia de **subversão da ordem**, na qual as coisas deixam de ser como são, para, temporariamente, assumirem seu inverso. Trata-se de um período no qual as pessoas entregam-se às festas e aos prazeres carnais, para, em seguida, iniciarem a Quaresma.

Como surgiu o Carnaval?

Considerando a Antiguidade, podemos traçar aproximações do Carnaval com celebrações de diversos povos, tais como [os mesopotâmicos](#), [gregos](#) e [romanos](#). No caso daqueles, podemos mencionar uma festa conhecida como **Sacéias**. Nela, um prisioneiro era escolhido para substituir o rei durante cinco dias. Nesse período, inicialmente, o prisioneiro desfrutava do poder e dos privilégios reais, mas, no fim, era espancado e executado.

A ideia central das Sacéias engloba um elemento herdado pelo Carnaval cristão da Idade Média: a **ideia do mundo invertido**. Lembremos que o prisioneiro transformava-se em rei durante cinco dias, para ser sacrificado em seguida. Essa lógica está presente no Carnaval até hoje, quando as pessoas fantasiam-se e assumem um papel que não é o delas, por exemplo.

Munique Costa

Na Grécia e Roma antigas, também existiam festas com **fartura de alimentos**, alto **consumo de bebidas alcoólicas** e danças, além da entrega das pessoas a outros prazeres carnais. Eram festas que podiam ter associação com algum culto religioso. Um exemplo disso era a **Lupercália**, festa romana realizada no mês de fevereiro.

A Lupercália era uma celebração de passagem de ano cujo objetivo era **afastar maus espíritos e realizar uma purificação para garantir a fertilidade**. Era muito tradicional e teve alguns de seus elementos transmitidos para as celebrações do Carnaval, segundo apontam os historiadores.

Carnaval na Europa



Como mencionado, o Carnaval durante a Europa medieval era um período de subversão da ordem, definida na ideia do “**mundo invertido**”. As festas carnavalescas, geralmente, saíam do controle do ideal proposto pelas autoridades religiosas. Muitos homens fantasiavam-se de animais e utilizavam máscaras, duas práticas condenadas pela Igreja.

O Carnaval era uma festa **tipicamente urbana** e referia-se ao período do renascimento urbano medieval. Todavia, essa tipicidade não era exclusiva, pois a festa **também acontecia nas zonas rurais**. Havia também a prática dos homens de fantasiarem-se de mulheres, além de, muitas vezes, as festas saírem do controle e resultarem em pancadaria generalizada.

Munique Costa

Durante a Idade Média e a Idade Moderna, as festas carnavalescas podiam estender-se por até dois meses, e, muitas vezes, eram entendidas pelas autoridades como uma **forma de garantir a ordem social**, uma vez que o povo, podendo extravasar seus impulsos e desejos durante o Carnaval, podia, depois, ser mais facilmente controlado.

Importante dizer que **mesmo as autoridades juntavam-se ao Carnaval**, talvez como uma forma de garantir seu prestígio perante as massas. No Carnaval europeu, as festas aconteciam nas ruas com peças teatrais, bailes de máscaras, passeatas de carros alegóricos, apresentações musicais etc.

As brincadeiras e os insultos também eram características fundamentais do Carnaval. Um dos insultos mais conhecidos e mencionados pelos historiadores são os **charivaris**, espécie de justiça popular contra um indivíduo que não se enquadrava no que era considerado tradicional naquela época.

Sendo assim, homens traídos ou pessoas que estavam em um segundo casamento, por exemplo, podiam ser alvo de zombaria pública durante o Carnaval. Um grupo de jovens podia ficar na frente da casa de uma pessoa, zombando dela e só saindo de lá se recebesse algum pagamento em dinheiro, por exemplo.

A partir do século XVI, esboçam-se algumas iniciativas de controle do Carnaval por meio de uma associação da Igreja com o poder público. Proíbe-se festas nas ruas e a realização de peças teatrais, por exemplo. Essas iniciativas tinham como causas as tentativas da Igreja Católica de conter os abusos e do poder público de ampliar o controle sobre as massas.

Quem trouxe o Carnaval para o Brasil?



Munique Costa

O Carnaval foi trazido para o Brasil pelos colonizadores **portugueses**. Os historiadores afirmam que a festividade estabeleceu-se no país entre os séculos XVI e XVII e teve como primeira prática o **entrudo**. Essa brincadeira fixou-se primeiramente no Rio de Janeiro e era realizada dias antes do início da Quaresma.

O entrudo manifestava o clima de zombaria pública que regia o Carnaval e foi uma brincadeira muito comum até meados do século XIX. A sua manifestação mais tradicional era conhecida como “**molhadelas**”, nelas as pessoas jogavam líquidos malcheirosos umas nas outras. Alguns dos itens usados eram água suja, lama e urina.

No entrudo também eram usadas águas aromatizadas, e ele era realizado tanto pelas classes altas quanto pelas camadas populares. Além disso, era um **momento de flertes**, sobretudo quando mais privado, isto é, entre famílias.

Com o passar do tempo, essa prática foi sendo substituída nas elites por práticas carnavalescas em evidência na aristocracia europeia no século XVIII, e, assim, surgiram os **bailes de máscaras** no Brasil. A partir do século XIX, os bailes começaram a popularizar-se, e, com a criação de sociedades carnavalescas, foram levados para as ruas. Consolidava-se, assim, o hábito de mascarar-se durante o Carnaval brasileiro.

Essas sociedades carnavalescas também passaram desfilar publicamente. A partir do século XX, o envolvimento popular com a festa contribuiu para a consolidação de ritmos que incorporavam a influência da cultura africana na capital carioca. Assim, na década de 1930, o samba e os **desfiles das escolas de samba** tornaram-se elemento fundamental do nosso Carnaval. O sucesso das escolas de samba levou à construção e inauguração, em 1984, do **Sambódromo**, o local no qual os desfiles acontecem na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/carnaval/as-origens-carnaval.htm>

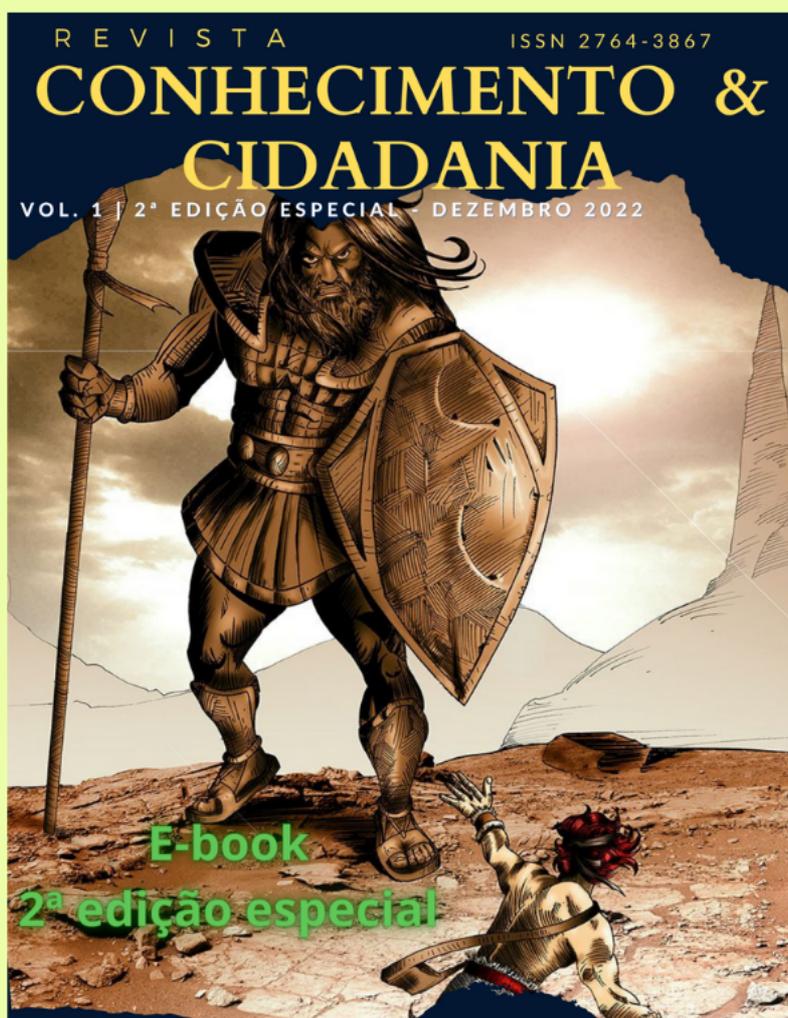
Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



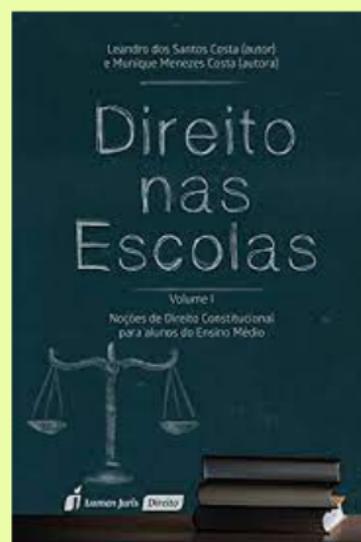
Revista Conhecimento & Cidadania



www.direitonasescolas.com/livraria

Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:

PIX: 28.814.886/0001-26

